



Publicado na 11ª Edição (Novembro e Dezembro de 2009) da Revista Linguasagem

www.lettras.ufscar.br/linguasagem

GERATIVISMO E FUNCIONALISMO: ENCONTROS DE DIVERGÊNCIAS

Ana Fernandes Aguiar Gonçalves Cardoso¹

“Porque, então, na linguística ainda há essas discussões – que geram mais calor que luz – e em outros campos não ocorrem mais?”
Dillinger, 1991, p. 403

Introdução

A busca de estabelecer a cientificidade nos estudos linguísticos teve em Saussure seus primeiros resultados. Para a manutenção de seu ponto de vista, no entanto, exclusões importantes foram necessárias, como o resíduo teórico que ficou estigmatizado e que deu fôlego às importantes tentativas de reformulações da linguística, que procura estudar a fala, a língua em uso, o sujeito, o falante... Todavia, é possível dizer que o estruturalismo influenciou de tal modo a essência de todos os movimentos linguísticos que o sucederam, que nada mais ficou sem as marcas opostas das relações nos estudos referentes à linguagem.

Ao estabelecer a criação do objeto a partir do ponto de vista, Saussure abre caminho para que em cada ponto da região onde circulam os elementos específicos das línguas – é possível falar assim sem vincular esta afirmação a qualquer das tendências que se opõem e abrangem a representação humana – o ponto escolhido determine a teorização. Isso quer dizer que, se na relação humana há, obrigatoriamente, linguagem, focalizar os estudos sobre quaisquer dos pontos de vista, por exemplo, de quem fala, o que fala, a quem se fala, a possibilidade de falar, as intenções ou não, o objeto que se materializa numa fala, é, justamente, a escolha do pesquisador e o que determina como o estudo se desenvolverá.

É assim que quem ousa criticar campos diversos de seus próprios sem a devida consideração sobre a disposição inicial de um pesquisador, sua inscrição teórica, bem como os objetivos aos quais se propôs, pautando sua crítica apenas em sua própria perspectiva, acusando uma teoria, que reprovava, de não dar conta de algum ponto relevante aos seus próprios olhos de crítico, não leva em

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia-MG.

conta qual seja a proposta daquela pesquisa. Seu insucesso, possivelmente, tem origem na autocrítica.

Contraditoriamente, esta posição tem sido muito produtiva. Inclusive necessária, segundo o que Lakatos afirma com sua noção de *proliferação*, a saber: é desejável que haja teorias em competição (Borges Neto, 2004b, p. 94).

As oposições entre Gerativismo e Funcionalismo são mais antigas do que as assentadas em poucas décadas do sec. XX. Há uma longa trajetória que liga o Gerativismo à tradição racionalista e o Funcionalismo aos estudos sincrônicos e diacrônicos do sec. XIX.

Inicialmente, verificamos que há certo “pudor” de estabelecer como teoria certo sistema que trate de princípios elementares de um conhecimento. Assim como Mattoso Câmara afirma que o estruturalismo é um ponto de vista epistemológico, Borges Neto prefere atribuir ao Gerativismo o estatuto de PIC (programa de investigação científica) (Borges Neto, 2004b, p. 96), como o designa Chomsky.

Assim, nossa proposta neste trabalho é apresentar algumas contraposições entre duas perspectivas de estudos linguísticos que muito dialogam pela sua abrangência e, também, por se posicionarem em extremidades dos sistemas filosóficos (racionalismo/empirismo, forma/função, universalismo/relativismo). A pertinência da noção de estrutura é mantida, mas com diferenças. Enquanto se atribui a Saussure a preferência pela abordagem da estrutura a partir da morfologia e fonologia, no gerativismo, verifica-se a estrutura a partir da sintaxe. Assim, entendemos que os estudos da linguagem, atualmente, apresentar-se-ão, de alguma forma, sob uma dessas dicotomias.

Um ponto de partida, objetivos diversos

Inicialmente, é relevante considerar que, partindo para os estudos sobre a linguagem, há uma multiplicidade de caminhos que podem ser escolhidos a depender do ponto de chegada. Assim, pode-se dizer que é a definição da natureza do objeto de estudo que distancia Chomsky do pensamento saussuriano (Camacho, 1994, p. 21).

Por outro lado, a própria concepção de estrutura para Chomsky, não coincide com a de Saussure, que põe em relevo o *sistema* – a propriedade opositiva da língua, que se verifica como um produto social. Ora, Chomsky ajusta a estrutura a um *conjunto de regras* – a possibilidade de se formar um número infinito de frases a partir de um número finito de regras sintáticas (Borges Neto, 2004, p. 55).

Dessa forma, se considerássemos uma ordem temporal, estabeleceríamos em primeiro lugar o Gerativismo e, a seguir, o Funcionalismo como oposição, mas não é bem assim que as coisas acontecem. Nada pode ser chamado inaugural, principalmente nos últimos dois séculos.

Consideramos o Gerativismo herdeiro do formalismo que se estende pelos últimos cinco séculos, pelo menos, descontadas as contribuições platônicas das quais derivam o inatismo, como veremos adiante. Assim, o gerativismo vincula-se à tradição racionalista que se configura na gramática de Port-Royal, uma vez que o mecanicismo não tomou como relevante os estudos sobre a mente, antes, manteve-se sob a perspectiva empirista, focalizando o observável, segundo seus critérios teóricos, evidenciados pelas oposições de Noam Chomsky.

O gerativismo

A diferença fundamental e que determina todo o rumo dos distanciamentos entre o Gerativismo e o Funcionalismo consiste, para este, no empirismo e no primado do uso, da prática da linguagem, opondo-se àquele, definitivamente racionalista e assentado sobre as hipóteses da linguagem como uma faculdade especificamente humana, de causa biológica, executada por um órgão, a *mente/cérebro*, conceito que trataremos adiante. Da mesma forma, relativismo e o universalismo, enquanto direcionamento epistemológico, perfazem também doutrinas que se contradizem e que fazem divergir os campos.

Não é preciso explorar abundantemente os conceitos para verificar que, colocar sob suspeita a evidência, firmando os estudos sobre operações mentais (empirismo), não se ajusta à convicção na dependência daquilo que pode ser observável e experimentado (racionalismo). Esse desacerto gera divergências irreconciliáveis.

Explica-se assim, também, que o relativismo e o universalismo se opõem. Se o Funcionalismo bebeu nas fontes culturais, etnocêntricas e antropológicas, julga ter autoridade para estabelecer dependência entre a linguagem e o meio, entendendo a constituição da língua a partir da visão de mundo de uma dada comunidade linguística. O Gerativismo, porém, recusa tal explicação, afirmando a linguagem como uma faculdade que precede a aquisição da linguagem pelo indivíduo, sendo também universal, ocorrendo em todas as línguas conhecidas ou não.

Chomsky foi discípulo de Zellig Harris, que propôs o método distribucional, considerado por Edward Lopes “a mais importante tentativa de estabelecer uma gramática não-conteúdística” (Lopes, 1985, p. 1981). Harris propôs a existência de uma “organização” na língua que permitisse identificar as possibilidades que seus elementos têm de ocupar um dado lugar e não outro, bem como uma ordenação desses elementos por *comutação* e *segmentação*. Desse modo, Harris entendeu que as frases complexas são o resultado de uma relação entre unidades menores por meio da transformação.

Foi assim que Chomsky, assimilando inicialmente as proposições harrisianas, observou o comportamento de frases que funcionam como paráfrases e identificou como, na estrutura profunda,

no exame das características e das relações dos termos subjacentes à frase, ocorriam correspondências. O que Chomsky assegurou foi que orações como: *O menino foi mordido pelo cão* e *O cão mordeu o menino*, compartilham da mesma estrutura profunda e que, as transformações que se notam, encontram-se na estrutura superficial. Assim, para o Gerativismo,

“A sintaxe de uma língua (...) pode ser definida em termos de dois sistemas de regras – um sistema de base que gera estruturas profundas e um sistema transformacional que as conduz as estruturas superficiais correspondentes. Daí dizer-se que as *transformações* também dão conta do aspecto criativo da linguagem.” (Borba, 1977, p.46)

O núcleo da teoria gerativista, pelo que Chomsky chama Programa de Investigação Científica, é a determinação da mente/cérebro nas atividades linguísticas e a captação por sistemas computacionais que representam tais atividades pela linguagem. Mente/cérebro, aqui, delimita-se ao nível abstrato de funcionamento e estrutura. Chomsky não faz diferenciação entre os conceitos de mente e de cérebro, antes, afirma que reside no cérebro a sede da faculdade da fala, sendo o cérebro é o órgão da linguagem, e, por isso, não está isolado do conceito de mente. Tal concepção é perfeitamente coerente à sua formação de biólogo, no sentido de priorizar a forma, de modo a produzir a construção do objeto. Seu objeto de estudo fica, conseqüentemente, posto como uma evidência.

No prefácio de “Estruturas Sintáticas”, obra inaugural do Gerativismo, Chomsky anuncia que o foco de seus estudos é a “estrutura sintáctica tanto no sentido lato (em que se opõe à semântica), como no estrito (em que se opõe à fonética e à morfologia)” (Chomsky, 1980, p.9). Este livro foi elaborado antagonicamente ao mecanicismo e, pela via de uma atualização, põe em circulação o biologismo que predominou em certo período dos estudos linguísticos cujos reflexos se mostram nas perspectivas que respaldam termos como “língua morta”, ou seja, tratam a língua como um organismo vivo, em oposição ao ponto de vista da convenção social, que, disparado por Whitney e sistematizado por Saussure, predomina no Funcionalismo.

Não estamos afirmando, contudo que o Gerativismo esteja fundado nos pressupostos de Schleicher, e sim que a aproximação, no que diz respeito à base biológica, apresenta, de alguma forma, inferências.

Um dos primeiros pontos do Gerativismo remonta a antiguidade e tem a ver com a **pobreza de estímulos**. Esse conceito se liga ao da **criatividade** e discute a linguagem como algo que sobrevém à criança e não algo que ela venha a aprender, ou seja, nas palavras de Chomsky,

“A aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é **algo que acontece com a criança, e não algo que a criança faz**”.
(Chomsky, 1998:23, grifo nosso)

Por conta desta afirmação, Chomsky propõe a existência de um dispositivo biológico que permite à criança produzir frases que nunca ouviu e compreender frases novas. Investiga como, através de uma exposição a uma língua fragmentada e desordenada, é possível ao falante não apenas apreender o que lhe é dito como produzir e reconhecer frases aceitáveis ou não em sua língua. Ou seja, a partir de meios finitos, um sistema finito de regras, produz-se um número infinito de frases (Chomsky, 1978, p. 79). Essa capacidade que a criança tem de “interpretar” o que nunca antes lhe fora oferecido, é atribuída à estrutura da mente humana, e vem a ser o **mentalismo**.

O termo escolhido para atender sistematicamente a demanda investigativa da língua, a **Gramática Gerativa**, se deve, justamente, ao reconhecimento de que, como o número de regras sintáticas é finito e o de frases é infinito, há transformações, e as transformações consistem em que as frases se mantenham numa estrutura chamada profunda, mas que na superfície haja mudanças, apresentando-se assim o que Chomsky chamou “frases derivadas” (Chomsky, 1980, p. 29).

Deste modo, outro conceito fundamental de Chomsky parte da capacidade que o falante tem de produzir um número infinito de frases – **competência**, aspecto que ele se dispõe a examinar. Seu par é o **desempenho**, o qual, de certa forma, abarcaria o conceito de *fala* em Saussure e tem a ver com os elementos que cercam o falante, mas que não estão circunscritos apenas à língua (Lyons, 1987, p. 173).

Apesar de, em termos de perspectivas, não haver grande diferença entre o que Saussure se propôs a fazer e as delimitações que Chomsky estabelece para o seu objeto científico (Camacho, 1994, p.20), o Gerativismo produziu uma verdadeira “revolução” no modo de pensar a linguagem. Dizemos “revolução”, porque mesmo aqueles, que não “seguem” os princípios “doutrinários” do Gerativismo, precisam se posicionar em relação a ele a fim de poder instaurar uma proposta.

As questões discursivas, no Gerativismo, contudo, permanecem em segundo plano e são, justamente, elas que “fazem a fila andar”. Demandas tão interpelantes como as relativas ao discurso desencadearam outra tendência teórica, a saber, o Funcionalismo.

O funcionalismo

Assim, o enfraquecimento do Gerativismo, segundo os próprios funcionalistas, se deu pela sua desconsideração para com as questões discursivas. Essa dissensão deu lugar às questões que atentam ao caráter pragmático da linguagem.

Para ambientar estas notas, localizamos as bases funcionalistas em concepções teóricas anteriores a Saussure, fundamentando-as sob as perspectivas sincrônicas e diacrônicas já estabelecidas anteriormente por teóricos como Humboldt, Whitney, Hermann Paul, Von der

Gabelentz, especialmente os princípios de instrumentalidade da língua sustentada por Whitney, que priorizou a função linguística como comunicativa (Borges Neto, 2004b, p.166).

Outra observação relevante para introduzir esta questão é que a correlação entre forma e função está presente nos estudos de Aristóteles, e, mesmo que se identifique um “funcionalismo” sendo afigurado em Zenão de Cútio, pelo modo como privilegiava o uso da língua e se apoiava em irregularidades (anomalias), é surpreendente pensar que as oposições essenciais que podemos notar entre Gerativismo e Funcionalismo se deem num nível de tamanha antiguidade, entre empirismo aristotélico e o racionalismo platônico (Siqueira, 2003, p. 62). A surpresa que nos acomete é simultânea a

Na década de 20, influenciado pelo behaviorismo, que baseou os estudos psicológicos no comportamento observável, Bloomfield leva à linguística a seguinte proposta:

“Non-linguistics ... constantly forget that a speaker is making noise, and credit him, instead, with the possession of impalpable “ideas”. It remains for linguistics to show, in detail, that the speaker has no “ideas”, and that the noise is sufficient – for that speaker’s words act with a trigger-effect upon the nervous systems of his speech-fellows (1936, in Katz [org.], p. 23)”²
(Borges Neto, 2004, p. 40)

Bloomfield justifica, assim, a dispensabilidade de se considerar o elemento mental nos estudos da linguagem, dessa forma, e porque as exigências para os estudos linguísticos na América diferiam-se daquelas necessárias para a linguística europeia, a linguística estrutural americana ficou conhecida prioritariamente pelo mecanicismo, caracterizada essencialmente pela sua diligência para com a fonologia. É possível identificar aqui como o par sincronia/diacronia é levado a uma conjunção atemporal, ponto de crítica dos funcionalistas aos estudos saussurianos. Os trabalhos bloomfieldianos, contudo, paradoxalmente, serviram à aparição de Chomsky que, como vimos acima, desenvolveu uma visão mentalista da língua para se opor àquele mecanicismo vigente.

É preciso, ainda, considerar que a linguagem a partir de seu caráter fundamentalmente social, a serviço da comunicação, faz parte das preocupações dos pré-saussurianos, como Whitney e lança as bases para o Funcionalismo tal qual se desenvolveu em reação ao Gerativismo a partir da década de 1950.

Pressupor a intencionalidade do homem em suas práticas languageiras pode ser admitido como um dos pontos iniciais do Funcionalismo que se consolidou sob o trabalho de Jakobson,

² “Os não-linguistas... esquecem-se constantemente de que um locutor faz barulho, e acreditam que, ao contrário, possuem “idéias” não-palpáveis. Resta ao linguista mostrar, em detalhes, que o locutor não tem nenhuma “ideia”, e que o ruído é suficiente - para que palavras desse locutor atuem com um efeito-disparador sobre o sistema nervoso de seus companheiros de discurso.” (tradução nossa)

ampliando da função referencial, reconhecida desde Saussure, para outras cuja designação leva em conta os atores que tomam parte no processo de trocas linguísticas, nomeando-os pelo seu papel na interação.

A principal função apontada por Jakobson, a poética, é, porém, defendida como “a função dominante, determinante, ao passo que em todas as outras atividades verbais, ela funciona como um constituinte acessório” (Jakobson, 1971:128). Sob dois eixos do comportamento verbal, a saber, *seleção* e *combinação*, Jakobson propõe que um princípio de equivalência governa. Esse eixo determina a escolha de uma entre outras (seleção), e, em seguida, o ajustamento de todas as outras palavras que comporão a cadeia falada (combinação), de forma que, ao enunciar, as palavras, nas mais variadas situações, coincidem sob um efeito poético intrínseco, não se restringindo às características aplicadas pela teoria literária, mas à “total reavaliação do discurso e de todos os seus componentes, qualquer que sejam” (id., ib.: 161).

Outras abordagens linguísticas manifestaram-se funcionalistas, tais como as perspectivas culturais e antropológicas de Sapir, Whorf, mas pode-se dizer que as opções metodológicas parecem determinar o aspecto da divergência.

Ora, o pressuposto básico do Funcionalismo, indicado por Martinet, designa a língua como *instrumento de comunicação*, em suas palavras: “A função essencial do INSTRUMENTO que é a língua reside na COMUNICAÇÃO”. (Martinet, 1978:6 – grifos do autor). E é tomando a língua como instrumento de comunicação que é possível ao Funcionalismo antecipar-se e fechar a questão sobre seu caráter social, especificamente, no uso, seguindo uma teoria pragmática, ou seja, uma proposição que aponta que a forma da língua é determinada pelo seu uso (é funcional).

Mas, ainda em suas palavras, Martinet não restringe a função da língua à “compreensão mútua”. Para este autor, a língua é também “suporte do pensamento”. Todavia, ele não prolonga a discussão sobre a ocorrência ou não do pensamento apenas no âmbito da linguagem. (id. ib.).

Para o funcionalista, o “concreto” direciona-se à linguagem, para isso a situação de uso concorre com os efeitos sobre as possibilidades comunicativas. É nesse sentido que se propõe consciência e intencionalidade de falantes, o que parece demonstrar que a linguagem funciona a serviço da comunicação como um instrumento, designação que reforça o atributo funcional que indica a linguagem como um agente mecânico.

Sustenta-se, de tal modo, como dissemos acima, o que os funcionalistas julgam ser justificativa para sua oposição ao Gerativismo: os efeitos derivados do afastamento deste das questões discursivas.

Naturalmente, não se pode dizer que o Funcionalismo seja uma tendência homogênea. Na verdade, Sapir, Pike, Halliday, Austin, Searle estiveram sob o escopo de uma tendência

funcionalista, sendo que cada qual retratou a operação pela qual a língua serve como instrumento da comunicação de diferentes perspectivas.

O axioma do Funcionalismo é a concepção da linguagem como instrumento de comunicação, repetimos, e de interação social. Assim é que o Funcionalismo toma como evidente que **a natureza das funções linguísticas determina a estrutura da língua**, e isso quer dizer que a função determina a forma, e ainda, significa que de alguma maneira a estrutura da língua acaba por mostrar a cultura daquela sociedade.

Assim sendo, as relações do contexto sócio-interacional são imprescindíveis para explicar o fenômeno linguístico, além disso, tomar a linguagem como instrumento explica o enfoque colocado sobre a interação social. Se, na situação social, a linguagem é o instrumento de interação, a expressão verbal está inserida em seu contexto de funcionamento, assim o Funcionalismo é pragmático. Desse modo, propõe que o uso deve subordinar e direcionar os estudos sobre a linguagem.

Em oposição ao Gerativismo, que acolhe os universais linguísticos, a capacidade que todas as línguas humanas teriam de possuir propriedades comuns, o Funcionalismo se coloca na dependência do relativismo em relação à cultura, tratando cada língua em sua suposta unicidade, sendo, por isso, descritível apenas sua singularidade. Assim, o Funcionalismo vê a linguagem como um instrumento para a transmissão de informações entre interlocutores.

É por tudo isso que não se pode dizer que o Funcionalismo seja externo ao estruturalismo, e, sim, que nele se particulariza. O Funcionalismo crê que as funções, que a linguagem que exerce nas sociedades em que operam, determinam as estruturas fonológicas gramaticais e semânticas (Lyons, 1987, p.166), e justamente por isso, rejeita, entre pontos saussurianos, as dicotomias língua/fala e sincronia/diacronia, bem como, segundo as afirmações de Camacho, os pressupostos de arbitrariedade do signo:

“Assim como todo texto, escrito ou falado, desenvolve-se em algum contexto, são os usos da linguagem que modelaram, durante milhares de gerações, o sistema linguístico, que, por isso não é arbitrário. O modo como é organizado é funcional porque se desenvolveu para satisfazer as necessidades humanas.” (Camacho, 1994:34)

Representando-se inicialmente pela Escola de Praga, o Funcionalismo fortaleceu-se na fonologia e sua noção de **traços distintivos** foi assimilada pela da fonologia gerativa, ainda que, no todo, o Gerativismo se oponha ao Funcionalismo. A fonologia, aliás, é a grande contribuição do Funcionalismo.

Conclusão

Se a busca pela cientificidade abriu a passagem para um novo caminho para os estudos da linguagem também marcou pontos em conflito, o que não pode, no entanto ser visto como negativo. Surpreendentemente, o resultado pode ser tomado como ilimitadamente produtivo. A gama de teorias, programas de investigação, postos de vista epistemológicos daí advindos justifica e beneficia enormemente as pesquisas linguísticas, é preciso reconhecer.

Não há, porém, vitórias sem perdas. Procurar o completo preenchimento e o atendimento a todas as demandas de uma área do conhecimento é reconhecidamente impossível. Não se pode atender a todas as possibilidades, há que se fazer escolha. Mas há algo de “inato”, ou, talvez, “usual”, em se tomar uma teoria outra e julgá-la segundo as próprias perspectivas.

Tal disposição provoca certo mal-estar, afinal são embates não apenas por espaços acadêmicos, mas, inclusive, por verbas. Assim, é tênue (se é que existe) a linha que permite ao pesquisador separar seu “amor” à ciência, suas convicções e crenças de seus interesses próprios. Daí, rupturas e cortes epistemológicos tornam-se possíveis e, em seu conjunto, as conveniências para a variedade de inscrições são a pluralidade de resultados que, pinçadas de sua presumida totalidade, mesmo que a contragosto de seus elaboradores, são extremamente salutares. Não podem ser recusadas.

Naturalmente, nem todos os resultados são frutíferos. E, mesmo no espaço dos estudos linguísticos, seus efeitos podem ser vistos de forma acentuada, ou não. Por esta razão, é possível a um pesquisador manusear conceitos de outras teorias, (pontos de vista, programas de investigação...) resignificando-os de modo que possa haver uma implicação em todo o campo, que por mais pragmática que pareça tal atitude, é fecunda. E, talvez seja esta mesma a explicação que se procura para as questões no interior da Linguística, afinal, a linguagem nunca se aparta daquele que busca respostas para os mistérios do mundo e do homem, mas tal busca é feita pelo homem mediante a linguagem. É uma *inquisição* que termina por ser sua própria *réplica*.

Referências bibliográficas:

BORBA, F. S. **Fundamentos da gramática gerativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

BORGES NETO, J. . De que trata a linguística afinal? In: **Ensaio de Filosofia da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 1. p. 31-65

_____. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004b. v. 3, 93-217.

CAMACHO, Roberto Gomes. **O papel do contexto social na teoria linguística**. Alfa - Revista de Linguística, São Paulo, v. 38, p. 19-36, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e da mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Trad. de Lúcia Lobato. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998. (p. 17-38).

- _____. **Estruturas Sintáticas**. Edições 70: Póvoa de Varzim, 1980. 126 p.
- _____. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Arménio Amado: Coimbra, 1978. 372 p.
- DILLINGER, M. **Forma e função na linguística**. *D.E.L.T.A.*, vol. 7. N.º 1, 1991. P. 395-407.
- JAKOBSON, R. Linguística e poética, In: **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 161-175.
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. 8. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1978. 218 p.
- SIQUEIRA, Cristina Lima de. **A tradição gramatical e a ótica funcionalista**: um estudo das definições de sujeito, 2003. 112 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.